

Ruínas, Rádio USP, os barrados no baile...

110500 - Nº 89

Produzir ruínas permanentemente. Recomeçar sempre. Alternância de ciclos de destruição e de desenvolvimento. É bem Brasil esse procedimento.

A Rádio USP mudou de direção no bojo do troca-troca motivado pela mudança do reitor. Messias da Costa foi pra coordenação de Comunicação Social incorporar seu vencimento de diretor e patrocinou o desmonte de uma programação premiada em 1988 pela APCA — Associação Paulista dos Críticos de Arte. A direção bateu forte: 12 programas foram sumariamente cancelados (veja lista).

Ailton Krenak, apresentador do Programa de Índio, estava a caminho da Grécia onde iria receber um prêmio por sua campanha em defesa da Amazônia quando recebeu a notícia. Aliás, o programa é o único da América Latina dedicado à temática indígena. O segundo está prestes a ir no México e segue os mesmos passos do programa pioneiro da Rádio USP. A direção da UNI — União das Nações Indígenas, que mantinha o programa, critica a falta de condições técnicas que tinha à disposição na rádio, fazendo eco a uma manifestação unânime entre os produtores dos demais programas derrubados.

A bióloga Tsugui T. Nilsson, que, entre outros títulos, é presidente da Comissão Permanente da Flora Melífera da CBA — Confederação



Wanderley Messias, Coordenador da C.C.S., o maior responsável pelas mudanças na Rádio USP

Brasileira da Apicultura, foi uma das últimas entrevistadas do "Nova Terra": "Eu estava em audiência com o José Lutzemberger quando soube que o programa fora tirado do ar. Eu me senti lesadíssima. Mais: a natureza foi lesada. O Nova Terra era um programa indispensável, um canal aberto pra divulgação da causa ecológica". Tsugui lembra que o programa existe desde que "não dão um referencial de solução, ao contrário do Nova Terra. São sempre uma mesmice e mostram aquilo que eles querem e não o que o movimento ecológico deseja. O importante é passar o que se fez,

o que se está fazendo e o que é preciso fazer", conclui ela. "Quintal Encantado" era o único programa da rádio brasileira para crianças. Mas criança não ouve rádio, não é? A ALMAP — Alcântara Machado e Periscinoto, uma das maiores agências de publicidade do país, não concorda com isso. Ela procurou a produção do programa assim que viu a matéria da Folha (03 de abril) com uma proposta de trabalho sob patrocínio de uma conhecida marca de alimento infantil. "A TV tem se mostrado uma fórmula desgastada e o rádio é, também, um canal mais barato. A

ALMAP quer investir em ideias criativas para a divulgação de produtos", declarou a educadora Mônica Marcondes, uma das produtoras do Quintal. Um outro dado, deste feito numérico, pra se contrapor ao chavão de que criança não ouve rádio: em junho de 89 o programa recebeu 25 cartas, quando a média mensal do tradicionalíssimo "Folhinha de São Paulo", suplemento infantil da Folha, é de cerca de 5 cartas. Mônica apontou para a necessidade não só de rediscussão dos critérios para corte dos programas, mas também para que haja um efetivo reconhecimento da pro-

dução — "recebíamos um cachê simbólico, irrisório, 150 cruzeiros por mês. Não dava nem pra comprar fita cassete pra registrar o programa", denuncia Mônica.

Os programas cortados

Musicals: Brasil amefricaribe — Marcelino Domênico; Cara e Coragem — Lê Dantas; Música Independente Brasileira; O Samba pede passagem — Moisés da Rocha; especilizado em samba teve sua duração reduzida de duas pra 1 hora; O Som e a Fúria — Valdir Montanari, música experimental de vanguarda;

Sempre Concerto — Marcelino Domênico; spotlight — Chen Yen Shou, trilhas sonoras de filmes e Terra Brasilis — Wagner de Paula, música independente brasileira. Alternativos: Nova Terra — Eugênio Araújo, e Bruno Blecher, causa ecológica e Programa de Índio — Ailton Krenak — UNI, causa indígena. Quintal Encantado — José Damião, Marcelo Batista e Mônica Marcondes, Infantil; Rádio Silêncio — Marcelo Dalla Rosa, humor e Vamos Ler — Marcello Bitten-court, livros.

Comissão de Ouvintes Rádio USP

A crise na Rádio é antiga

Lobão, Cazuza, Arrigo Barnabé, Raul Seixas, Titãs, Cida Moreira, Itamar Assunção, Jimi Hendrix, Led Zeppelin, entre outros, estão com músicas e, em alguns casos, com discos abolidos do repertório da USP-FM desde o início de 1988. Em abril e maio do ano passado a Folha de S. Paulo, o Jornal do Campus e o J. Sintusp denunciavam a situação. A rádio teve vários profissionais demitidos, afastados e transferidos num clima de perseguição a quem questionasse as mudanças. Depois da temporada de caça às bruxas, o quadro da rádio não conta mais com profissionais formados na Escola de Comunicações e Artes. A programação musical da emissora perdeu suas características de vanguarda, que recusava a listagem viciada das gravadoras, explorando de forma mais integral os discos e dando chance aos intérpretes independentes. Por incrível que pareça, a Glogó-FM percebeu o declínio da rádio USP e tem atualmente uma programação mais alternativa. O atual diretor da emissora do campus quer audiência. É bom lembrá-lo que em 1987 a USP-FM alcançou o 7º lugar com uma programação musical diferenciada e os cerca de 20 programas especiais. Hoje, amarga o 14º ou 15º lugar.

A Rádio USP está ligada desde novembro de 1988 diretamente ao gabinete do Reitor através da Coordenação de Comunicação Social. Não há, portanto, nenhum conselho da comunidade e da sociedade que possa opinar, sugerir e avaliar a política da rádio. Até novembro do ano passado a USP-FM estava ligada à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão. Este organismo tem suas diretrizes e políticas definidas pelo Conselho de Cultura e Extensão, com representantes dos alunos e professores. Outra curiosidade é o total descolamento da emissora em relação à Escola de Comunicações e Artes. A ECA não opina, não propõe e os alunos não têm canal de participação na rádio.

A política do machado

O que há de comum entre o corte da programação da Rádio USP, a tentativa de corte do subsídio do bandeão e o Governo Federal? Teria algo a ver com Quêrcia mandando seus seguranças, em Araçatuba, arrancarem as faixas de manifestantes? As faixas diziam ZERO Quêrcia, Zero Fleury. Como ZERO foi nosso reajuste em abril, como ZERO foi o reajuste dos professores...

Destruir espaços de avaliação crítica que possam fomentar focos de resistência. A Reitoria da USP, que guindou seu ex ocupante ao posto máximo da ciência e tecnologia no staff colorido, ao decapitar a programação alternativa da Rádio, oferece seu quinhão no estabelecimento de uma política obscurantista com relação aos meios de comunicação. Política muito bem demonstrada com a invasão da Folha de São Paulo. Uma rádio pasteurizada ad usum delphini, para uso do príncipe, sem ideologia que não sejam as dos que,

no momento, dominam o país. Antes, o canto yanomami, nossas telúricas manifestações musicais, o sonhar acordado ao som da árvore do era uma vez... o pranto esfumaçado das chapadas dos veadeiros, em Goiás, em chamas. Agora, uma lista de duzentas músicas, as entrevistas com empinadores de pipas, praticantes de wind-surf, balonismo e equilibristas de walkmachine que constituem a esporádica população do campus nos finais de semana. E por que não um campeonato de jet-ski na raia da USP?

E a Segurança USP, sozinha, dará cabo dos que desejarem usar os microfones tão liberalmente abertos ao público para reclamar das estrepolias gastronômicas do príncipe enquanto boa parte da nação roí os ossos?

O gume do machado

Foi com um machado velho e enferrujado, indiscriminadamente, que a Rádio USP cortou doze de seus programas mais co-

nhecidos, os programas que davam a ela uma feição diferenciada e alternativa. Atingidos desde o movimento ecológico à divulgação literária, passando pelo humor irreverente e pelas manifestações musicais de vanguarda. E quase todos tinham apenas a USP como espaço de difusão. Cacetadas a torto e à direita nas matérias do Jornal da USP e do Campus, que pouco ou nada ouviram dos produtores e setores da cidadania que eles representam, quanto menos dos pobres e reles ouvintes. A seguir, comentamos os quatro pontos principais da Argumentação do novo diretor, Melchiades Cunha Junior.

1. "Falta de profissionalismo, falta de qualidade técnica, improvisação?" E os prêmios da APCA de melhor programação cultural de 1988? E o prêmio HQ-MIX para o Cáspite? E falar de corda em casa de enforcado qualquer alusão às carências técnicas das programação alternativa. O equipamento da Rádio

é tão obsoleto ao ponto do próprio Messias da Costa acenar com possíveis lances de mágica para arrumar 600 mil dólares, comprar um novo transmissor e ganhar uma torre pra mudar a antena. E que profissionalismo é esse com o cachê de 4,5 cervejas mensais pago aos produtores?

2. "Papo-furado? Auto promoção?" 12 programas informativos (sem contar os cortados anteriormente como Interação (deficientes), Cáspite (hitórias em quadrinhos) e o Toque Brasileiro (instrumental), de e para segmentos diferenciados da sociedade, sem similar nas rádios comerciais podem ser, genericamente, desprezados como papo-furado?

Na falta de um critério objetivo, também o que um denomina papo furado outro pode achar da mais acentuada relevância. E quem não se destaca pelo uso dos meios de comunicação? Todos jornalistas, artistas, locutores. Mais se auto promoveu a direção da rádio com o espaço que ganhou na imprensa, bem ao estilo personalista e ufanista do nosso presidente.

3. "Duas horas de samba é muito, ninguém aguenta?" É muito triste ouvir o Coro do Exército Vermelho, dia 29 de abril, na praça em frente à Rádio ter que bisar o "Não deixe o samba morrer" enquanto a direção decapa sessenta dos minutos mais ouvidos da programação.

4. "Ouvintes familiares e amigos? Pesquisas?" Pesquisas isentas são de grande ajuda no estabelecimento de critérios para alterações na programação. Poderia a Rádio gentilmente nos mostrar sua pesquisa? Por ora, o que temos é a mala direta de um dos produtores, um único, com mais de dois mil ouvintes cadastrados.

Comissão de Ouvintes da Rádio USP



Ailton Krenak apresentador do Programa de Índio, um dos que foram tirados do ar.